



2004/11/11

## O SOLDADO AMERICANO

*Alexandre Reis Rodrigues*

“O soldado americano” é o título de um recente livro [1] do general Tommy Franks que, embora referindo-se a toda a sua carreira militar, concentra-se nas duas operações militares que conduziu, ao longo de 2002 e 2003, no Afeganistão e no Iraque, enquanto comandante-chefe do Central Command [2]. Escrito com a colaboração de um conhecido jornalista, com larga experiência neste tipo de trabalhos, [3] o livro consegue combinar muito bem a utilização de uma linguagem acessível ao público em geral com uma abordagem suficientemente aprofundada das questões essencialmente militares, que trata com grande interesse. O general fala hoje em Lisboa, numa conferência patrocinada pelo Diário de Notícias e Diário Digital com o título de “Liderança em tempos de crise e guerra global ao terrorismo”.

É uma obra que ajuda a conhecer, com razoável detalhe, como funciona presentemente o comando, ao mais alto nível, de uma vasta operação militar. É também um trabalho que clarifica como foram orientados os preparativos para a invasão; que dá uma boa ideia prática da forma como se processou o relacionamento político-militar em todas as fases da operação e que explica como decorreu o processo de decisão para a determinação do nível de forças a empregar, aspecto este que muitos atribuíram a uma imposição de Rumsfeld, contra a vontade dos generais. Não é, porém, um livro que esclareça devidamente as razões que impediram as forças da coligação de manter o controlo do País, após a declaração do fim das acções militares principais, problema que, na minha opinião, nasceu no momento em que começaram as pilhagens por todo o País, nada se fazendo para as impedir. E que depois se foi sucessivamente agravando devido a erros calamitosos na condução do processo, nomeadamente o mais desastroso de todos - a extinção do Exército iraquiano, quando a ideia inicial era recuperá-lo na maior extensão possível.

Há, quanto a mim, dois aspectos que ressaltam com especial força ao longo de toda a obra: a ideia de que foi adoptado um conceito de operações militares muito inovador, cuja autoria o general Franks reivindica e o problema de interferências externas na sua linha de comando, o que, em alguns casos, o levou a solicitar aos seus superiores medidas relativamente radicais.

Sobre o conceito de operações, Franks esclarece ter tido muito presente, com base na sua experiência pessoal de participação na Guerra do Iraque, a importância das manobras de decepção, da velocidade de decisão e de actuação e ainda do emprego conjunto de forças, aspectos que para ele são novas formas de interpretar a máxima de Clausewitz sobre a necessidade de concentração da força sobre o centro de gravidade do inimigo para conseguir a vitória. Apesar do sucesso da Operação Desert Storm, em 1991, Franks considera que não tinha resultado bem a decisão de o Comandante-Chefe, o general Schwarzkopf, ter acumulado as funções de comandante da componente terrestre; em resultado deste arranjo o seu estado-maior, muito ocupado com o planeamento das operações terrestres, não conseguiu fazer a sua integração com as operações aéreas, daí resultando duas campanhas separadas, conduzidas numa lógica de desconflitar estratégias em vez de garantir uma estratégia realmente conjunta. Franks teve a feliz oportunidade de estudar estas questões com a necessária profundidade quando, a seguir à sua participação na Desert Storm, em Junho de 1992, foi designado director de um think tank, [4] através do qual o então Chefe do Estado-Maior do Exército pretendia iniciar um processo de transformação das forças terrestres numa componente mais ligeira e mais flexível, mas também mais letal.

Para o general, a doutrina operacional do futuro tinha deixado de ser tridimensional; havia agora uma quarta dimensão – a do tempo, requerendo novas maneiras de explorar o potencial das mais modernas tecnologias, com novas doutrinas, novos procedimentos e novos sistemas de treino. Enquanto trabalhava no think tank atrás referido, a sua missão era ajudar a compreender o novo contexto geo-estratégico que tinha emergido no início da década de noventa e, a partir daí, identificar a estrutura de forças terrestres, os sistemas de armas e sensores e o tipo de soldados que os EUA necessitariam no futuro. Havia que desenvolver uma nova doutrina, cujo elemento-chave seria a capacidade de rápida deslocação de forças terrestres para qualquer parte do mundo, implicando a sua reconfiguração e o pré-posicionamento do seu material em depósitos avançados e a bordo de navios. Muitas dessas ideias, já se encontravam em desenvolvimento e, de algum modo, tinham sido aplicadas na Guerra do Golfo. Foi o seu desenvolvimento, no contexto geral das Forças Armadas americanas, que veio a dar origem ulteriormente aos conceitos de network-centric warfare, de effects-based operations e rapid and decisive operations, já instituídos na doutrina militar americana, quando se iniciou o processo de planeamento de invasão do Iraque.

Ao general Franks coube o mérito de uma brilhante vitória militar e antes disso o da coragem em propor, pela primeira vez, a utilização prática dos conceitos atrás referidos, quer no Afeganistão, quer no Iraque, sugerindo uma dimensão da força invasora menor do que a força local e substituindo a política de overwhelming force, de Collin Powell, pela de overwhelming power, menos dependente do número de efectivos. Powell, ainda que sem responsabilidades directas neste assunto, depois de ter prevenido pessoalmente Franks que tinha objecções sobre o seu plano, não se escusou, em reunião do Conselho Nacional de Segurança em Setembro de 2002 para apresentar a situação ao Presidente, de expressar a sua reserva tanto em relação à questão da correlação de forças como ao problema de longas linhas de reabastecimento que um avanço rápido para o objectivo iria criar.

Estes foram também os dois tópicos preferidos pelos comentadores militares da operação no Iraque, ironicamente conhecidos por armchairs generals” e que, em certa altura mais complicada das operações, chegaram a defender uma suspensão do avanço para permitir um reforço dos efectivos e consolidação das linhas de reabastecimento, o que como se sabe não foi necessário. Estas críticas eram dirigidas principalmente a Rumsfeld, apresentado pelos media como responsável por ter forçado esse tipo de conceito de operações, o que no mínimo revela desconhecimento do modo de relacionamento político-militar nestas matérias; o livro confirma que a iniciativa esteve sempre do lado do comandante militar, que apresentou as propostas julgadas adequadas, como não podia deixar de ser.

Para perceber a importância que Rumsfeld atribuía ao problema do Iraque é interessante notar o calendário das orientações dadas sobre a necessidade de actualizar o plano de contingência então disponível para o Iraque (OPLAN 1003). Em Março de 2001, portanto antes do 11 de Setembro, numa reunião com Franks, então já responsável pelo Central Command, em que foi informado da escalada de reacções iraquianas às patrulhas aéreas no âmbito da imposição da no-fly zone sobre o Iraque, Rumsfeld já insistia na necessidade de encontrar outra linha de acção que fosse mais eficaz e diminuísse os riscos a que estavam a ser sujeitos os pilotos, numa estratégia sem fim à vista, dado o colapso das sanções impostas pelo Conselho de Segurança das Nações Unidas. No final de Novembro de 2001, agora já depois do 11 de Setembro, vem a ordem de actualizar rapidamente o plano de contingência; em cumprimento dessa ordem, depois de uma série de vídeo teleconferências semanais, a partir de 4 de Dezembro, Franks apresenta, no final de Dezembro, ao Presidente Bush um conceito inicial de operações com três modalidades e quatro fases.

As modalidades estavam relacionadas com a extensão de apoios que os EUA conseguissem reunir, na modalidade Robusta admitia-se que seria obtida total colaboração, nomeadamente de países vizinhos e da região, nomeadamente a Turquia; no extremo oposto – a modalidade Unilateral – só se contaria com o apoio do Kuwait, o que obrigava a uma introdução gradual de forças na área, por incapacidade de este País acomodar o estacionamento de largos efectivos, mesmo por períodos curtos; finalmente, estava ainda considerada a modalidade Reduzida que admitia uma situação intermédia.

A operação constaria de quatro fases: preparativos; preparação do campo de batalha; operações decisivas e, para concluir, as operações após fim das hostilidades, então apresentada como a mais longa, aliás, sem duração prevista. Franks anunciou nesta apresentação admitir poder começar as operações com 100000 efectivos, reforçando posteriormente conforme necessário. Mais tarde, voltando a referir-se à fase pós hostilidades, Franks revela que manteve extensas discussões sobre esta fase, que já se sabia ir sendo difícil e demorada. Revela que foi ouvido por Rumsfeld sobre a designação do general Garner como primeiro administrador civil do Iraque, tendo apoiado a ideia. Reconhece, no entanto, que no momento em que este devia entrar em funções a sua equipa não estava completa nem devidamente organizada. Alega que essa situação se ficou a dever ao facto de nas diligências que Garner fez nos corredores de Washington não ter podido alegar a necessidade de fazer preparativos para um pós guerra de uma guerra que afinal não tinha recebido luz verde do Presidente. Compreende-se a dificuldade mas não se acha que possa explicar o falhanço.

Em Março de 2002, já com um plano de operações para intervenção no Iraque, Franks reúne-se, pela primeira vez, com os comandantes das várias componentes da força conjunta. Até então todas as actividades de planeamento tinham-se desenvolvido de uma forma algo compartimentalizada para evitar fugas de operações; não obstante as recomendações que foram feitas em função dessa preocupação, o Los Angeles Times divulgava aspectos secretos de assuntos tratados nessa reunião! Por esta altura, as ideias iniciais sobre a forma de conduzir as operações tinham evoluído para um conceito já de facto revolucionário na medida em que previa que as operações terrestres se iniciariam quase em simultâneo com as operações aéreas, embora precedidas por extensas intervenções de forças de operações especiais. Esta ideia foi-se desenvolvendo ao longo do processo de planeamento, cujo início se baseou muito no plano de contingência ainda existente, portanto, ainda sem um corte aberto com a orientação aí preconizada. A validade do novo conceito veio a ser comprovada num jogo de guerra realizado em 2003, para teste dos planos, confirmando-

se a possibilidade de combinar várias fases da operação numa única, exigindo bastante menos tempo. Ficou então assente a fórmula 5-11-16-125 querendo significar o seguinte: 5 dias de ponte aérea para fazerem chegar à zona os efectivos ainda em falta; 11 dias para completar o envio do respectivo material; 16 dias de operações aéreas combinadas com operações de forças especiais e, finalmente, 125 para concluir as restantes operações e assim cumprirem a missão. Face à indispensabilidade de ter o essencial das forças na área na altura da decisão de avançar, Franks pedia autorização para uma movimentação prévia de forças em Novembro de 2002, com o objectivo de as ter já disponíveis na área em Fevereiro de 2003; não havendo ainda decisão de fazer a invasão, o pretexto invocado foi o da realização de exercícios e de reforço dos efectivos locais; note-se, porém, que se tratava já de 128000 efectivos.

Tommy Franks queixa-se, como se referiu acima, de várias interferências na sua linha de comando, em diferentes ocasiões. Um dos primeiros casos que refere, aconteceu na apresentação do seu conceito inicial de operações aos chefes dos ramos que acabou por se transformar numa oportunidade para estes chamarem a atenção, numa perspectiva corporativista, para a importância das respectivas componentes, sem avançar com qualquer consideração útil sobre o que era realmente importante, nomeadamente, a natureza conjunta da operação. Numa segunda ocasião, as coisas não correram melhor; diz Franks que, na sequência desse encontro, o chefe da Marinha e o chefe dos Fuzileiros tomaram a iniciativa de irem pessoalmente ao seu gabinete reafirmar-lhe o seu apoio. Franks acabou por ter que lembrar que os chefes dos ramos estavam representados no seu comando ao nível de oficiais generais de três estrelas e que se achavam que eles não sabiam defender os seus interesses seria melhor substituí-los desde logo.

O principal problema, porém, foi o de conseguir que o acesso por parte de diversas entidades ao panorama das operações, permitindo ir ao ponto de acompanhar acções – hoje possível graças às mais modernas tecnologias na área das comunicações e de recolha de informações – não se transformasse na possibilidade de interferirem indevidamente no processo de decisão. Por exemplo, logo no início da operação, quando se colocou a questão de desencadear um ataque aéreo de precisão contra umas instalações onde se presumia que iria haver uma reunião de Saddam com a elite da liderança iraquiana – acção que acabou por não ter sucesso – o chefe do estado-maior da Força Aérea terá, sob o pretexto de ajuda, comentado que o seu estado-maior já se tinha apercebido que as instalações tinham sido abandonadas quando o ataque foi desencadeado, o que materializava uma crítica ao comando de Franks. Estes casos, entre outros, levaram o comandante da operação a solicitar que os acessos às suas vídeo teleconferências fossem restritos e condicionados, não incluindo, por exemplo, os chefes dos ramos.

Outro ponto abordado, em várias ocasiões ao longo do livro, foi a questão sempre mediática do relacionamento com Rumsfeld, que esteve especialmente agitada na fase inicial da campanha no Afeganistão. Rumsfeld esperava resultados imediatos e vendo que não estavam a ser conseguidos insistia permanentemente na necessidade de ponderar outras linhas de acção; a sua pressão, eventualmente, reflectia uma grande ansiedade na Casa Branca perante as dificuldades inicialmente sentidas em inserir no terreno as forças de operações especiais, nas quais se baseava o essencial da estratégia. Ao fim de uma semana a crise rebentou e Franks pôs o seu lugar à disposição do secretário da Defesa, por ter concluído que não tinha a sua confiança [5]. O problema não se voltou a pôr e pouco depois Rumsfeld convidava-o para estender por mais um ano a duração da sua permanência no Central Command. Transparece, no entanto, que o estilo difícil de liderança de Rumsfeld e a sua permanente exigência em respostas rápidas a um interminável fluxo de perguntas e pedidos de esclarecimento constituiu uma pesada sobrecarga de trabalho para todo o seu estado-maior [6] e em si próprio.

Diria, em resumo e para concluir, que o livro tem óbvio interesse militar. É claramente um bom contributo para a compreensão dos problemas que se deparam hoje a um comandante de uma operação militar de grande envergadura, em que quase tudo tem implicações políticas, em que é grande a tentação para intervenções marginais por entidades não inseridas na linha de comando e em que existe muita pressão dos órgãos de comunicação social e dos seus comentadores militares. É, no entanto, um livro que foi pensado essencialmente para promover a imagem do general e lançá-lo num ciclo de conferências nos EUA e por todo o Mundo e que, por isso, evita os assuntos mais polémicos. Não prevejo que o almoço-conferência que se realizou esta manhã, também de natureza promocional, os tenha abordado mas falta-me receber os ecos desse acontecimento para confirmar que assim foi.

[1] “ American Soldier ”, no original; Harper Collins Publishers, Regan Books.

[2] Embora identificando-se no livro como comandante em chefe, este título, por decisão de Donald Rumsfeld, ficou reservado em exclusivo para o Presidente, deixando, portanto, de poder ser utilizado, não obstante a tradição, pelos comandantes dos cinco principais comandantes operacionais

conjuntos.

[3] Malcolm McConnell.

[4] Designado por Louisiana Maneuvres Task Force , por referência a uma série de exercícios terrestres realizados na Louisiana, no verão de 1940, quando os EUA, alarmados pelos sucessos militares do Exército alemão em França, procuraram desenvolver novas táticas militares e formar novos chefes militares.

[5] “ It is essential for the mission that you have confidence in the commander. If you have lost confidence....you should select another commander” .

[6] “The list of questions seemed endless . After leaving the headquarters late most nights , my directors met each morning at 0400 to prepare for my morning call with the SecDef”